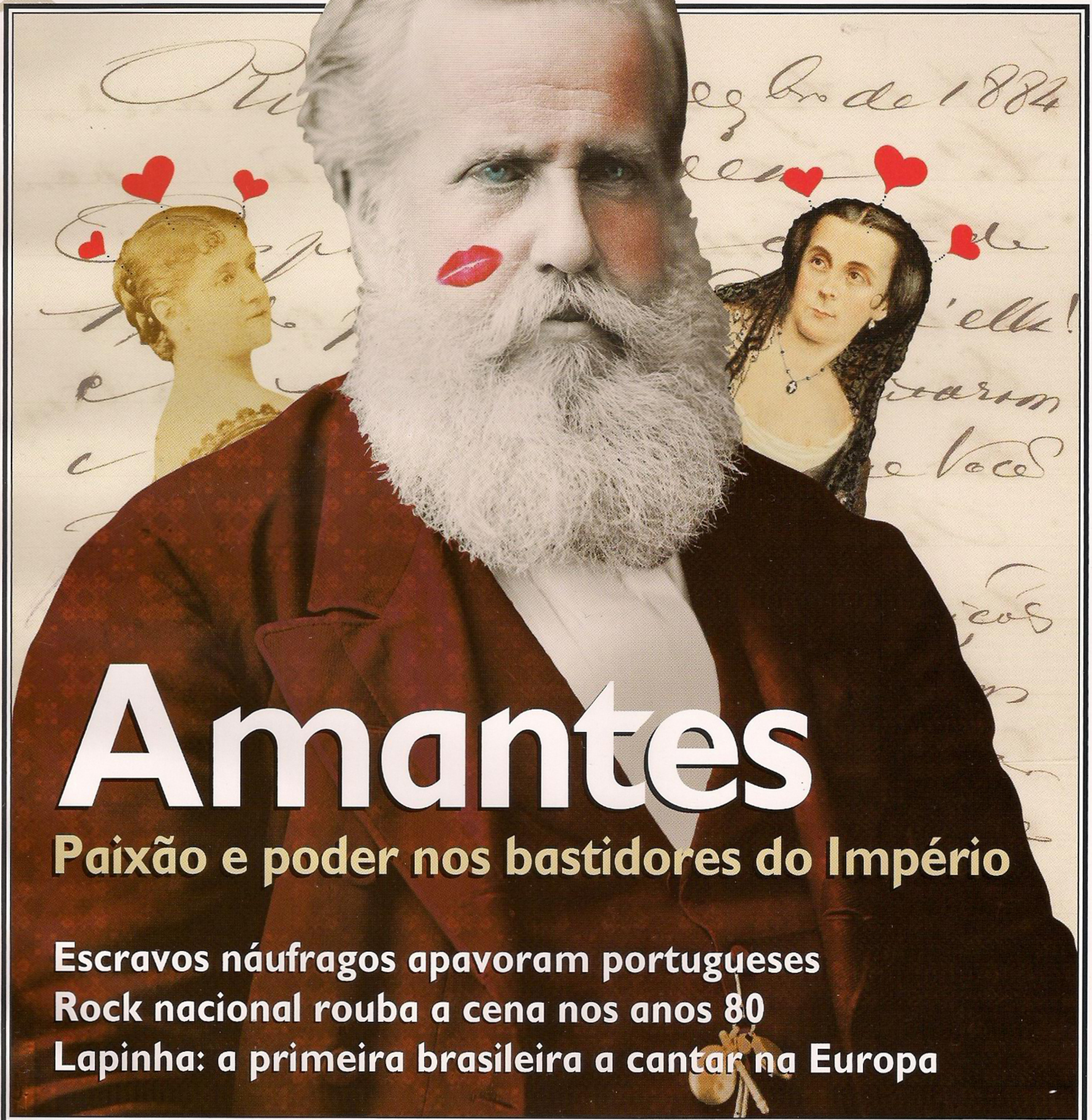
REVISTA DE

História

DA BIBLIOTECA NACIONAL



Amantes

Paixão e poder nos bastidores do Império

Escravos náufragos apavoram portugueses

Rock nacional rouba a cena nos anos 80

Lapinha: a primeira brasileira a cantar na Europa

ANO 6 | Nº 64 | R$ 8,90 | JANEIRO 2011

ISBN 1808-4001

9 771808 400002 00664



CARTA DO EDITOR

É impossível ficar indiferente à novidade que acompanha o início deste ano: pela primeira vez o país será governado por uma mulher escolhida pelos cidadãos.

Não foi nada fácil chegar até aqui. Que o digam alguns dos autores que escrevem em nossas páginas. A professora Eni de Mesquita Samara, historiadora dedicada ao estudo do papel da mulher na formação da sociedade brasileira, deixa claro na entrevista que o modelo patriarcal de vida familiar não dominava o nosso passado. Afinal, a presença de mulheres chefiando domicílios era expressiva, e administrar bens e negócios não era tão estranho a elas como se imagina. Eni aposta: o cenário da dominação masculina está começando a mudar, pois não é o gênero que importa, mas a qualificação da pessoa.

Quem soube disso há muito tempo foi uma cantora lírica brasileira que brilhou nos palcos do Rio de Janeiro e de Portugal. Não seria nada de mais se Joaquina Lapinha não vivesse em pleno século XVIII, mergulhada no mundo da escravidão. A incrível história dessa negra que lutou para ter seu talento reconhecido é contada no artigo de Paulo Castagna.

A historiadora Mary Del Priore leva essa conversa mais adiante. O dossiê amoroso desta edição revela como a presença feminina invadiu pelas frestas até mesmo o governo dos reis. Envolvidos em relações matrimoniais protocolares, os soberanos cultivaram um séquito de amantes que decerto não conduziam apenas a vida afetiva de seus parceiros. Da incontinência amorosa dos reis, diz Fabiano Vilaça em seu artigo, brotam bastardos que embaralham os limites da família imperial.

Essas leituras desenham a presença sinuosa das mulheres – participando e governando – em todas as esferas, sem se acomodarem em um mundo que parecia não ceder espaço àquelas que eram reconhecidas como inferiores. Aliás, um mundo que, a partir de 2011, é página virada desse longo folhetim.

— LUCIANO FIGUEIREDO

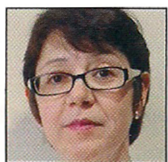
NESTE NÚMERO


FOTO ANA PAULA ALCÂNTARA

Paulo Castagna
A primeira cantora lírica brasileira a se apresentar na Europa surgiu no século XVIII, quando as óperas estavam começando por aqui. Nessa época, a maioria dos papéis femininos era interpretada por homens. Segundo Paulo Castagna, professor de História da Unesp, doutor em História Social pela USP e coautor de *História e Música no Brasil* (2010), Joaquina Lapinha enfrentou preconceitos por ser mulher e mulata, mas ganhou muitos elogios e aplausos.



Mary Del Priore
O apetite sexual da família imperial deu o que falar. Enquanto Carlota Joaquina colecionava amantes, D. João se consolava com seu valete de quarto. Já D. Pedro I corria atrás de mucamas e criadas. Isto é o que conta Mary Del Priore, professora da Universidade Salgado de Oliveira, duas vezes vencedora do Prêmio Casa Grande & Senzala (1997 e 1999), da Fundação Joaquim Nabuco, e autora de *Condessa de Barral – a paixão do Imperador* (2008).


FOTO IZABEL CHUMBINHO / ACERVO IEPHA, MG

Maria Marta Martins Araújo
Que tal catequizar macacos para resolver a "falta de braços" no Brasil? Segundo Maria Marta Araújo, doutora em História pela UFF, vice-presidente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais e autora de *Com quantos tolos se faz uma república: padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista* (2007), essa foi uma das críticas satíricas feitas pelo padre Correia de Almeida no livro *A República dos Tolos*, lançado em 1881.

REVISTA DE **História** DA BIBLIOTECA NACIONAL

REVISTA DE HISTÓRIA
Avenida Churchill n.109 sala 1101 CEP 20020-050
Rio de Janeiro - RJ
Telefone/fax: (21) 2220-4300/2240-9843
www.revistadehistoria.com.br
E-mail: revistadehistoria@revistadehistoria.com.br

Revista editada pela Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional

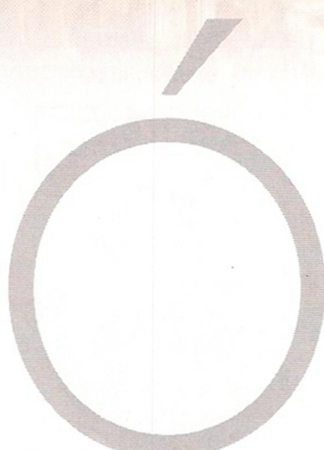


SABIN - SOCIEDADE DE AMIGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

PAULO CASTAGNA

Palmas e preconceitos

Talento não bastava: para ser a primeira cantora brasileira aplaudida na Europa, Lapinha teve que esconder sua pele negra



ÓPERAS JÁ ERAM ENCENADAS no Brasil durante o século XVIII. Foi nesse período que surgiu, no Rio de Janeiro, Joaquina Lapinha, a primeira cantora lírica brasileira que virou celebridade, e sobre quem pouca coisa se sabe. O sucesso de suas apresentações a levou a fazer uma longa e bem-sucedida temporada na Europa. Mesmo assim, até hoje não foram descobertos retratos que mostrem suas feições. Só existem citações de seu nome em documentos da época, principalmente programas teatrais, partituras e críticas musicais. Sua origem é tão misteriosa quanto sua morte. O pouco que se sabe dela é que, por ser negra, teve que vencer

ILUSTRAÇÃO ROBERTO TORTEROLLI

diversos entraves sociais para que pudesse deleitar as plateias cariocas e lusitanas.

Mesmo na Europa, raramente havia cantoras de ópera até meados do século XVIII. Os papéis femininos eram, em grande parte, interpretados por homens. Muitos desses intérpretes, por sinal, eram castrados, como o famoso cantor italiano Farinelli, alcunha pela qual Carlo Maria Broschi (1705-1782) se tornou conhecido. Algo parecido ocorria no cenário da música sacra. A Igreja Católica foi a instituição que mais restringiu o gênero feminino, proibindo que as mulheres cantassem nas missas até o começo do século XX. Uma passagem da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios justifica essa proibição: "É vergonhoso para a mulher falar na igreja". E na opinião de Santo Ambrósio, que viveu no século IV, "a mulher deverá permanecer calada na igreja".

Foi somente a partir das transformações sociais e do crescimento dos valores burgueses – como o maior acesso à música, a construção de teatros públicos de ópera que podiam ser frequentados pela compra de ingressos, e não somente pela condição de nobreza – no decorrer do século XVIII que as mulheres começaram a atuar e a cantar profissionalmente. Como o canto sacro ainda lhes era vetado, essas primeiras profissionais acabaram encontrando seu espaço no teatro e na ópera. A italiana Margherita Durastanti (ativa entre 1700 e 1734) foi uma das primeiras cantoras profissionais na Europa, chegando a participar de várias óperas de Händel (1685-1759) na Inglaterra. Cantoras brasileiras surgiram pouco tempo depois.

Já havia mulheres cantando no Rio de Janeiro e em Minas Gerais pelo menos desde 1770. Nesse ano, João de Souza Lisboa, proprietário da casa da ópera de Vila Rica – atual Teatro Municipal de Ouro Preto (MG) –, chegou a comunicar ao governador da capitania de Minas Gerais que já tinha "na casa da ópera duas fêmeas que representam, e uma delas com todo o primor, muito melhor que

A Gazeta de Lisboa fez uma crítica ainda mais elogiosa, que enfatizou a capacidade que a cantora tinha de deixar até mesmo plateias europeias deslumbradas



Saiba Mais

BITTENCOURT-SAMPAIO, Sérgio. *Negras líricas: duas intérpretes negras brasileiras na música de concerto (séc. XVIII-XIX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BRITO, Manuel Carlos de. *Estudos de história da música em Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

BUDASZ, Rogério. *Teatro e música na América Portuguesa: ópera e teatro musical no Brasil (1700-1822); convenções, repertório, raça, gênero e poder*. Curitiba: DeArtes/UFPR, 2008.

MONTEIRO, Maurício. *A construção do gosto: música e sociedade na corte do Rio de Janeiro – 1808-1821*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Ainda incipiente no Brasil, a ópera já era um gênero musical de sucesso na Europa no início do século XIX. No fundo da pág. anterior, uma vista do Teatro alla Scala de Milão.

Joaquina Lapinha numa ilustração feita por Roberto Torterolli.

as do Rio de Janeiro". Diferentemente do que ocorria no Velho Mundo, eram comuns no Brasil, até o início do século XIX, atores negros e mulatos, maquiados com tinta branca e vermelha, representando os europeus daquela época. Cantar ópera por aqui, naquele tempo, não envolvia o *glamour* dos cantores de hoje. Esse tipo de trabalho, muito pelo contrário, era feito por subalternos, e seu descumprimento poderia ser severamente punido. Em casos extremos, a punição podia ser até a prisão.

Era comum no Brasil, até o início do século XIX, que atores negros e mulatos, maquiados com tinta branca e vermelha, representassem os europeus daquela época

Foi nesse contexto que surgiu Lapinha, cujo nome verdadeiro era Joaquina Maria da Conceição Lapa e que começou a atuar e cantar em óperas no Rio de Janeiro na década de 1780. Manuscritos que vêm sendo estudados em Portugal, principalmente pelo musicólogo inglês David Cranmer, demonstram que ela trabalhou em várias peças dos italianos Giovanni Paisiello (1740-1816) e Domenico Cimarosa (1749-1801), os compositores mais conhecidos do gênero em seu tempo. De Paisiello, ela cantou, entre outras, "O Barbeiro de Sevilha" – cujo enredo também foi musicado por Gioacchino Rossini (1792-1868) anos depois. Lapinha se apresentou ainda em algumas óperas do italiano Fortunato Mazziotti (1782-1855), do lusitano Marcos Portugal (1762-1830) e do brasileiro José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), que lhe dedicou papéis líricos em "Ulisséia" e em "O Triunfo da América", representadas no Rio de Janeiro em 1809.

Preparar-se para atuar numa ópera, tanto naquela época quanto posteriormente, exigia muito tempo e bastante trabalho. As boas cantoras executavam com frequência as *coloraturas*, ou seja, a emissão de várias notas agudas numa só sílaba, técnica que exigia muito do intérprete e que, quando bem utilizada, causava furor na plateia. Lapinha não só tinha nesse recurso um de seus trunfos, como o usou para cativar o público, segundo algumas críticas que foram preservadas até hoje.

Os documentos até agora localizados sobre Lapinha indicam que, depois de seu começo de carreira no Rio de Janeiro, a cantora se apresentou em várias cidades de Portugal entre 1791 e 1805. A edição da *Gazeta de Lisboa* de 16 de janeiro de 1795 se refere a "Joaquina Maria da Conceição Lapinha, natural do Brasil, onde se fizeram famosos os seus talentos músicos, que têm já sido admirados pelos melhores avaliadores desta capital". Em 6 de fevereiro de 1795, o mesmo jornal fez uma crítica ainda mais elogiosa, que enfatizou a capacidade que a



Na gravura aquarelada de Theremin, de 1835, uma imagem do Theatro Imperial do Rio de Janeiro, um dos palcos onde Joaquina se apresentou.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

ACERVO BIBLIOTECA IEB / USP

ACTORES.

A VERDADE — *Joaquina Lapinha.*
O GENIO LUSITANO — *Maria Candida.*
LISIA — *Francisca de . . .*
O ENGANO — *Antonio Ferreira.*

Acompanhamento de Povo, que fórma o Coro.

SCENAS.

1.ª Vista de Campina deliciosa com arcos formados de verdes arbustos, e flores, por onde ha de entrar o Carro do Triunfo da Verdade acompanhado do Povo.

2.ª Huma nuvem brilhante, em que baixa Lisia, e o Genio Lusitano.

3.ª Templo magnifico consagrado á RAINHA NOSSA SENORA, que Deos guarde, no meio do qual estará hum grupo elevado, formado por Virtudes, que sustentão nos braços os Retratos de S. MAGESTADE, e do PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR, no alto do qual grupo estaráõ dois Genios suspensos no ar, que seguráo huma coroa, que guarnece os ditos Retratos.

O nome da Lapinha aparece entre os intérpretes de "A verdade triunfante", ópera de 1811, com libreto de Antonio Bressane Leite.

cantora tinha de deixar até mesmo plateias europeias deslumbradas: "A 24 do mês passado, houve no Teatro de São Carlos desta cidade [de Lisboa] o maior concurso que ali se tem visto, para ouvir a célebre cantora americana Joaquina Maria da Conceição Lapinha, a qual, na harmoniosa execução do seu canto, excedeu a expectação de todos: foram gerais e muito repetidos os aplausos que expressavam a admiração que causaram a firmeza e a sonora flexibilidade da sua voz, reconhecida por uma das mais belas e mais próprias para teatro".

Além de receber os aplausos dos portugueses, Lapinha havia superado outra barreira na Europa: ela foi uma das primeiras mulheres a receber autorização para participar de espetáculos públicos em Lisboa. Assim que chegou à cidade, Joaquina se deparou com um veto da própria rainha D. Maria I à participação feminina nas apresentações realizadas nos teatros da capital. O motivo provavelmente estava relacionado aos flertes de seu marido, o rei D. Pedro III, com as atrizes que se apresentavam em Lisboa. O viajante sueco Carl Ruders (1761-1837), responsável por essa informação, também comenta que a cantora era obrigada a disfarçar a cor de sua pele – que os europeus julgavam "inconveniente" – com tinta branca: "Joaquina Lapinha é natural do Brasil e filha de uma mulata, por cujo motivo tem a pele bastante escura. Este inconveniente, porém, remedeia-se com cosméticos. Fora disso, tem uma figura imponente, boa voz e muito sentimento dramático".

Depois de passar esse período em Portugal, enfrentando as dificuldades decorrentes da sua condição de mulher negra, a cantora retornou ao Rio de Janeiro e continuou cantando óperas. Seu nome parou de aparecer nos anúncios de espetáculos de música lírica em meados de 1813.

O sucesso que Joaquina Lapinha alcançou em vida ocorreu independentemente de sua condição racial. Isso demonstra que a herança africana e a excelência da arte, mesmo vistas por um olhar europeu, não eram fatores opostos, como se acreditava antes. **H**

PAULO CASTAGNA É PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA E COAUTOR DE *HISTÓRIA E MÚSICA NO BRASIL* (ALAMEDA, 2010).

Leia entrevista com o pesquisador Sérgio Bittencourt-Sampaio em www.rhbn.com.br/lapinha

Lapinha
www.lapinha-rio.com.br

As Lapas da Joaquina



ACERVO MELLO MENEZES

Seu sobrenome era Lapa, ela era cantora e atriz, e começou a carreira no Rio de Janeiro no século XVIII. Se fosse hoje, seu nome seria facilmente associado à Lapa, bairro carioca conhecido pelo samba e pela boemia. Acontece que Joaquina Maria da Conceição Lapa, a Lapinha, nasceu em Minas Gerais. Pelo menos foi o que o jornal *O Espelho* publicou em 1859. E a Casa de Ópera de Manuel Luiz, onde ela se apresentava, ficava na Praça do Carmo, atual Praça XV. Mas o bom humor carioca e uma dose de tino comercial fizeram com que a artista virasse nome de um piano-bar na Lapa, o Lapinha. Mais que isso: fizeram com que a cantora ganhasse um rosto que ela nunca teve.

Para inaugurar o espaço em março de 2010, os donos do estabelecimento encomendaram um retrato da atriz ao artista plástico Mello Menezes. Assim surgiu uma mulata de olhos amendoados, cabelos cacheados e lábios desenhados. "Imaginei uma mulher capaz de deixar os portugueses loucos", diz Mello, que faz piada com seu processo de criação: "Eu acendi três velas, fumei um marafo e tomei uma cana. Aí a Lapinha veio...".

O artista estava certo ao pensar numa mulher sedutora. Segundo o pesquisador e músico Sérgio Bittencourt-Sampaio, "Lapinha era apaixonante!". "Não era à toa que recebia poemas dos portugueses", diz Sampaio, que é autor do livro *Negras líricas: duas intérpretes brasileiras na música de concerto* (Sete Letras, 2008). O cronista Luiz Edmundo (1878-1961), no seu famoso *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis* (1956), confirmou os elogios: ela ficava "pisando como ninguém em tablas (palco)". **(Vivi Fernandes de Lima)**